

NOTAS SOBRE O QUADRO URBANO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL*

NOTES ON THE URBAN FRAMEWORK OF THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL

Igor Ronyel Paredes Gomes**

Maria José Martinelli Silva Calixto***

RESUMO: O presente trabalho visa a abordar o território sul-mato-grossense, focando no conjunto funcionalmente articulado de cidades que compõe sua estrutura urbana. Formado, em sua maior parte, por cidades pequenas e cidades locais, e algumas, quatro cidades, com maior grau de complexidade funcional e porte populacional, o território sul-mato-grossense denota o curso que o processo de urbanização tomou no estado. A análise dessa estrutura, no âmago do processo de formação territorial e da urbanização do Mato Grosso do Sul, revela-se de significativa importância para compreensão do quadro urbano atual – do papel regional que essas cidades de maior complexidade funcional (Campo Grande, Dourados, Três Lagoas e Corumbá) exercem sobre suas hinterlândias. Nesse sentido, o ensaio, além de abordar o papel de centralidade atual dessas cidades na rede, volta-se a resgatar, resumidamente, os fatores que determinaram e condicionaram a dinâmica urbana e regional desses centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura urbana; rede urbana; centralidade; formação territorial.

ABSTRACT: This work aims to approach the Mato Grosso do Sul territory, focusing on the functionally articulated set of cities which makes up its urban structure. Formed mostly by small towns and local towns, and some four cities, with the highest degree of functional complexity and population size, the Mato Grosso Sul territory denotes the course that the urbanization process took in the state. The analysis of this structure at the core of the territorial formation process and the urbanization of Mato Grosso do Sul, proves to be of significant importance for understanding the current urban context - the regional role these cities of greater functional complexity (Campo Grande, Dourados, Três Lagoas and

* O presente ensaio é um desdobramento da pesquisa de mestrado (em andamento) intitulada "Cidades pequenas e rede urbana: relações interurbanas a partir do Sudoeste do Mato Grosso do Sul", desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, sob a orientação da Profa. Dra. Maria José Martinelli Silva Calixto.

** Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista – CAPES. Endereço eletrônico: igor.ronyel@gmail.com

*** Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. Endereço eletrônico: mjmartinelli@yahoo.com.br

Corumbá) have on their hinterlands. In this regard, the essay, in addition to addressing the role of the current centrality of these cities on the network, turn to rescue, briefly, the factors that determined and conditioned the urban and regional dynamics of these urban centers.

KEYWORDS: urban structure; urban network; centrality; territorial formation.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio visa apresentar um quadro (geral) da estrutura urbana do território sul-mato-grossense. Objetivando apresentar a situação espaço-temporal contemporânea, o texto inclina-se a um caráter descritivo, lembrando-nos a etimologia da palavra *Geografia*: descrever a terra. Como lembra Milton Santos (2006): “Descrição e explicação são inseparáveis”, sendo indissociável essas duas atividades para o devido tratamento do espaço . Assim, no intento de descrever-explicar essa parcela do espaço (uma subunidade da formação socioespacial brasileira) construímos esse ensaio, visando contribuir para o entendimento do território sul-mato-grossense, e de sua estrutura interurbana.

Em relação ao estado de Mato Grosso do Sul, pontuamos que sua estrutura urbana¹ apresenta um número considerável de centros urbanos de pequeno porte, com algumas (poucas) cidades com papéis urbanos mais complexos e de maior porte populacional. Analisadas por meio da intensificação da urbanização no estado, tais cidades que adquiriram centralidade abarcam tanto a população desterritorializada, após a expansão do modo de produção capitalista no campo sul-mato-grossense, quanto os fluxos populacionais advindos de outros estados da Federação. Le Bourlegat, avaliando as transformações socioespaciais das três últimas décadas do século XX, pondera:

De modo geral, todos os municípios apresentam aumento das taxas de urbanização, nas últimas três décadas. O processo de urbanização, desse modo, apresentou-se amplo e difuso em todo o território do Mato Grosso do Sul, embora atingindo mais intensamente o sul do Estado.

Com a fraca divisão territorial do trabalho no Estado, ocorre um pequeno número de direções nos fluxos a algumas poucas e esparsas cidades

¹ Apoiamo-nos na noção de *estrutura urbana*, no sentido posto por Egler (2012). Nos termos do autor, a estrutura urbana se situa num nível mais geral de abstração, sendo utilizada para a análise da distribuição espacial das cidades, seus níveis de desenvolvimento econômicos e sociais, numa dada parte do território.

centrais, de modo a consolidar ainda mais suas anteriores funções e reproduzir o típico fenômeno da macrocefalia. (2000, p. 356)

Assim, tomando como referência o fato de que, em 2013, 85,64% da população sul-mato-grossense compõem o quadro urbano do estado, há que se ressaltar que 62,5% do contingente populacional residiam em apenas onze dos 79 municípios do Mato Grosso do Sul. (MATO GROSSO DO SUL, 2015)

Há, como podemos notar, uma concentração populacional em poucos centros urbanos (macrocefalia) e seus respectivos territórios municipais. De fato, a maior parte das cidades do Mato Grosso do Sul são pequenas (53 centros urbanos e seus respectivos territórios municipais têm população inferior a 20.000 indivíduos), articuladas a algum segmento (centro urbano) “mais importante”² político-economicamente. A estrutura socioeconômica, ou melhor, a formação socioespacial (SANTOS, 1982) sul-mato-grossense nos dá uma pista de o porquê dessa configuração: um território produtivamente voltado a um mercado externo (consumidor de gêneros agropecuários), com uma estrutura social concentrada economicamente (renda) e espacialmente (terra urbana e rural), e alguns centros urbanos com uma base técnica de apoio às atividades depreendidas.

Pequenos centros urbanos, ligados a essas atividades produtivas, articulam-se na demanda de técnicas, bens e serviços especializados presentes em centros urbanos de maior complexidade funcional: Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas, e, num nível menor na hierarquia interurbana, podemos incluir Ponta Porã³ dentre as cidades de maior destaque na rede urbana.

² Da importância conferida a uma cidade, cabe enfatizarmos as diferentes dimensões e níveis de análise: assim, se uma “cidade maior” é mais importante na dimensão econômica e política, a dimensão social (da vida) pode estar degradada frente ao esgotamento da estrutura urbana, materializada para manter essas duas primeiras dimensões. Por outro lado, cidades pequenas podem ter sua importância relativizada na dimensão social, pois as relações, em muitos casos, são mais próximas, os laços com o “lugar” se estendem numa rede de relações que conectam os “vários pequenos bairros” desses centros. Todavia, logicamente, a falta de serviços sofisticados, para um tratamento de saúde especializado, por exemplo, se põe como uma barreira à efetivação plena de um modo de vida urbano nessas localidades, tendendo a ocorrer fluxos para os “centros mais importantes”.

³ Com relação a esse centro urbano fronteiro (localizado na porção sul de Mato Grosso do Sul, na divisa com o Paraguai), Oliveira *et alii* destacam: “Esta conurbação [Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY] soma uma população próxima a 180 mil habitantes, sendo ambas as cidades produtoras de serviços para os dois países. Neste ambiente juntam-se 12 centros universitários (três públicos e mais um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em implantação), sendo a maioria no lado paraguaio, que oferecem cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, uma estrutura do campo paraguaio, além de um centro de reexportação que faz do *shopping* China o maior *shopping* do Mato Grosso do Sul.” (2010, p. 362, grifos dos autores)

Cada cidade apontada centraliza um segmento da rede urbana sul-mato-grossense⁴ (e também fora desse recorte territorial – como Corumbá em relação às cidades bolivianas da fronteira), articulados a Campo Grande e à região de influência da Grande Metrópole Nacional (São Paulo). É importante assinalar que cada um desses segmentos teve sua centralidade construída ao longo das relações socioespaciais de formação do território sul-mato-grossense.

CORUMBÁ

Corumbá, uma das primeiras aglomerações materializadas, ainda nas últimas décadas do século XVIII, no território correspondente atualmente ao Mato Grosso do Sul, foi elevada ao patamar de município, de acordo com os critérios políticos-administrativos vigentes na época, já em 1850. Nesse período, as interações espaciais entre as localidades (fazendas, povoados, vilas) eram efetivadas, principalmente, utilizando-se dos canais fluviais – os fluxos espaciais eram canalizados e/ou dispersados, principalmente, no que se refere ao Extremo Oeste⁵, pela utilização do Rio Paraguai.

Sua centralidade remonta, portanto, a meados do século XIX, sendo o primeiro centro urbano de destaque na rede urbana sul-mato-grossense. Tal papel foi construído e consolidado, conforme ponderamos, pela utilização da rede fluvial. Caracterizava-se, nesse sentido, como “porto-empório e um local de transbordo de embarcações de calado médio oriundas dos países platinos e do Rio de Janeiro, para pequenas embarcações com destino à capital do estado [Cuiabá] e arredores.” (LE BOURLEGAT, 2000, p. 193)

A atividade comercial confirma, ainda, o papel de Corumbá no âmbito da atividade ervateira, no final do século XIX, centralizando alguns núcleos – Miranda, Aquidauana e Nioaque (LE BOURLEGAT, 2000). Seu papel regional, entretanto, começa a decair já nas primeiras décadas do século XX, quando da estruturação da

⁴ Cabe aqui uma ressalva, quando falamos de um segmento da rede urbana sul-mato-grossense não excluímos as articulações que se dão com “outras cidades” fora de determinado segmento, pelo contrário, a temática da rede nos impossibilita a adoção de tal postura, mas quando nos referimos a um determinado segmento da rede urbana, estamos, apenas, focando em determinada porção do espaço, para melhor caracterizá-la, sem nos esquecermos de suas ligações reticulares.

⁵ Expressão empregada por Sérgio Buarque de Holanda para se referir à porção que atualmente corresponde ao Mato Grosso do Sul, bem como a parcela sul do Mato Grosso. (Cf. QUEIROZ, 2011)

ferrovia pelo sul de Mato Grosso, que não alcançou, num primeiro momento, a cidade Corumbá – a ligação com o Sudeste a partir desse período foi feita por vias terrestres. Na metade do século XX, a centralidade de Corumbá é diminuída ainda mais, quando da estruturação de rodovias, ligando Campo Grande ao Sudeste do país, assim como, a Cuiabá.

Atualmente, Corumbá mantém centralidade por meio de sua influência sobre cidades do Departamento de Santa Cruz de la Sierra, território boliviano (OLIVEIRA *et alii*, 2010). Nesse caso, as relações socioespaciais extrapolam o limite da formação socioespacial brasileira, polarizando centros urbanos do país vizinho, engendrando, por sua vez, fluxos populacionais para Corumbá, que complexificam o conteúdo urbano da cidade (as relações sociais que se dão na cidade e as formas espaciais que estruturam seu espaço urbano, viabilizando as dinâmicas funcionais).

Tal ponto é interessante de ser analisado, entretanto, aqui, à guisa de consideração, cabe apenas pontuarmos que o estudo das Regiões de Influência das Cidades (REGIC/IBGE, 2008) trata da relação entre cidades dentro da formação socioespacial brasileira, ou seja, sua metodologia considera o alcance espacial de um centro urbano com relação às cidades inseridas no território brasileiro, desconsiderando as relações internacionais estabelecidas. Contudo, tomando como exemplo a subunidade/subsistema da formação socioespacial brasileira em questão, o Mato Grosso do Sul, um estado que faz fronteira com dois Estados-Nação (Bolívia e Paraguai), verificamos que é quase indubitável, em razão da proximidade e do próprio processo de formação territorial do estado, que as relações urbanas se imbricassem, é o caso de Corumbá, Ponta Porã, e de outros centros urbanos na faixa de fronteira.

Assim, considerando-se as relações estabelecidas entre Corumbá e sua hinterlândia transnacional, seu papel na rede urbana ganha maior relevância quando consideradas as relações com cidades do Departamento de Santa Cruz de la Sierra (BOL) do que com relação às cidades do Mato Grosso do Sul⁶. Nas considerações de Oliveira *et alii* (2010):

Corumbá, quase como um prolongamento de suas vias, passando pelo Arroio Concepción, adentra a Bolívia, primeiro em Puerto Quijaro e logo

⁶ Excetuando-se, todavia, Ladário, cidade sul-mato-grossense, que apresenta relações interurbanas consideráveis com Corumbá.

após em Puerto Suárez (capital da província de German Bush). Essa semiconurbação, com população aproximada de 150 mil habitantes, faz parte do corredor São Paulo - Santa Cruz de la Sierra (capital econômica da Bolívia), por onde passa U\$ 4,0 milhões/dia, segundo dados da Receita Federal. Neste meio geográfico, a dinâmica econômica está relacionada à entrada do gasoduto Bolívia-Brasil, à presença de sete portos fluviais, ao fato de esta ser uma região de transbordo de mercadorias oriundas do Brasil (em especial de São Paulo) em direção a Santa Cruz e ao volume de serviços especializados oferecidos por Corumbá a cidades bolivianas ao longo da *ferrocarril* que liga Santa Cruz a Puerto Quijarro - formatando para Corumbá o terceiro maior PIB comercial do estado. (p. 361)

Quanto aos serviços especializados oferecidos pela cidade, relativos à centralidade interurbana, os autores acrescentam:

A condição regional de Corumbá transparece quando se identifica que o número de equipamentos de saúde (hospitais, ambulatórios, médicos, farmácias, centro clínicos etc.) é desproporcionalmente superior em relação ao de outras cidades de porte maior (Campo Grande e Dourados, por exemplo). O fato é que a população boliviana residente ao longo da *ferrocarril* se desloca para Corumbá para buscar atendimento de saúde - praticamente toda a província de German Busch se dirige a Corumbá para atendimento de saúde, emergencial ou não. Apesar de tudo, para dentro do estado, Corumbá realmente tem pouca articulação com outras cidades, uma vez que a geografia deixa um imenso vazio demográfico ao seu entorno e faz com que, naturalmente, Corumbá esteja desarticulada, exceto com Ladário. (OLIVEIRA *et alii*, 2010, p. 362)

CAMPO GRANDE

Em relação à Campo Grande, sua centralidade começa a se projetar regionalmente ainda no começo do século XX, mas a aglomeração guardava um “potencial interurbano” desde a segunda metade do século XIX, em decorrência de sua posição geográfica⁷. Nesse sentido, nos esclarece Le Bourlegat (2000) que, Campo Grande situava-se na confluência de duas hinterlândias – uma comandada por Corumbá, que se estendia de Oeste a Leste, e outra por Concepción (PY) que se estendia de Sul (iniciava-se no Paraguai) a Norte – que se projetavam na porção sul de Mato Grosso. Enquanto nó/ponto de ligação dessas duas redes comerciais, pelo povoado circulavam produtos de ambos os portos, alojavam-se tropeiros ligados à pecuária exercida na região, bem como se delineava como lócus para a

⁷ A noção de posição geográfica é uma das duas dimensões básicas para a análise de uma cidade, segundo Egler (2010). Refere-se à localização da aglomeração dentro de dada porção do espaço, localização essa que é relacional, ou seja, é relativa ao conjunto de cidades e suas hinterlândias que ligam-se, em diferentes graus, à cidade considerada.

instalação/fixação de comerciantes, visando atender a região. (LE BOURLEGAT, 2000)

Esse dinamismo socioeconômico de Campo Grande amplia-se no início do século XX, conforme pontua Le Bourlegat:

Já detinha o maior rebanho do território correspondente ao Mato Grosso do Sul além de tradição em negociação de gado. Após a passagem da ferrovia, transformou-se no maior entreposto comercial de gado do Estado, ligado aos mercados de São Paulo.

Acabou sendo a cidade escolhida, não só para sediar a diretoria da Estrada de ferro Noroeste do Brasil, como o Comando Militar do Mato Grosso, em 1921. Em 1910, tornou-se sede de comarca e em 1912, sede de paróquia, em 1914, sede do 5º Regimento de Artilharia Montada, sendo elevada à categoria de cidade em 1918. (2000, p. 229)

A estrutura produtiva engendrada pelos agentes ligados à pecuária foi favorecida, conforme afirma a autora em outro ponto, pelo contexto da Primeira Guerra Mundial, em que o mercado da carne se desenvolveu consideravelmente. Le Bourlegat (2000) assevera, ainda, que o dinamismo econômico propiciado pela pecuária fez com que comerciantes e artesãos de outros centros urbanos (Corumbá, Cuiabá e São Paulo) deslocassem-se para Campo Grande⁸, formando, juntamente com os fazendeiros e pequenos produtores rurais, o conjunto de agentes sociais que engendraram o processo de produção da cidade, bem como a formação de seu papel regional.

Em relação à estruturação da rede ferroviária notaremos que possibilitou a interligação entre diferentes porções territoriais, a escoação da produção, bem como a interiorização de aparatos administrativos e os fluxos migratórios, diferenciando a posição de Campo Grande na rede de cidades que se consolidava por meio da Ferro Noroeste do Brasil.

A centralidade interurbana da capital do Mato Grosso do Sul remonta, portanto, ao início do século XX, papel que aumentou quando, em meados do mesmo século, Campo Grande é perpassada pelo sistema rodoviário o que permitiu sua articulação com Cuiabá e com o Sudeste do país. Nesse contexto, Corumbá perde parte importante de seu papel na rede sul-mato-grossense, em detrimento de Campo Grande.

Nesse período (meados do século XX) veremos que

⁸ Em 1940, Campo Grande era a maior cidade do Centro Oeste, com população superior a 20.000 habitantes. (LE BOURLEGAT, 2000)

A cidade foi equipada de estrutura de comércio e serviços, capaz de atrair para si a maior parte da população urbana do Mato Grosso do Sul, capturando economicamente, em maior ou menor grau, as micro-regiões existentes.

Tornou-se, segundo o IBGE, o principal centro de drenagem e distribuição de produtos, com o movimento bancário mais intenso de Mato Grosso. Por outro lado, foi ganhando a função de beneficiamento da produção regional. No atendimento do consumo da população, Campo Grande passou a apresentar o maior e melhor estruturado equipamento de comércio e serviços da região. (LE BOURLEGAT, 2000, 291-292)

Nas últimas décadas do século XX, a capital estadual tem seu papel regional consolidado na rede urbana, em decorrência da ação do governo federal na racionalização do espaço – mais especificamente o da porção central⁹ que se estende de sul a norte do Mato Grosso do Sul – visando a expandir a fronteira agrícola para as áreas de cerrado por meio do POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, 1975-1981). Nesse sentido:

A modernização das áreas de cerrados, especialmente do Norte do Estado, estabelecendo fluxos com Campo Grande e a transformação em capital político-administrativa, só fizeram ampliar a centralidade de suas funções, de modo que na década de 90, a cidade se tornou o maior centro de serviços do Estado.

Transformou-se no local de moradia, não só, da maior parte dos proprietários rurais, como das camadas sociais de renda média, que se aglutinaram no Estado. Ao mesmo tempo, passou a abrigar grande parte da força de trabalho desempregada do campo perambulante pelo corredor de exportação do Centro-Oeste, permeando, inclusive, cidades de porte médio e a metrópole do sistema urbano paulista. Nela se fixou também um forte contingente de trabalhadores eventuais e desempregados, especialmente após 1985. (LE BOURLEGAT, 2000, p. 357-358)

Na década de 1990, podemos verificar que a capital estadual já comportava os principais aparatos de serviços de educação e saúde, de caráter privado, uma vez que o Estado (agente produtor do espaço urbano) não dava conta da demanda da crescente população urbana, esclarece Le Bourlegat (2000). O papel de coleta, beneficiamento e escoação da produção também merece destaque. O princípio de nodalidade, nesse sentido, expressava a centralidade de Campo Grande: “A função

⁹ Le Bourlegat (2000) seleciona/divide o estado de Mato Grosso do Sul em três regiões, de acordo com os níveis de integração com relação a São Paulo. Assim temos uma porção Leste, onde as cidades voltam-se/relacionam-se (diretamente) com cidades, de maior complexidade funcional, dos territórios paulistas e paranaense; porção central, com cidades que integram-se a Campo Grande na porção central do estado, ou a Dourados ao sul – centros urbanos articulados com o Sudeste e Sul do país; e por fim uma porção oeste: um espaço com resquícios tradicionais, onde o predomínio do latifúndio pecuarista marca a baixa intensidade de integração com o Sudeste, articulando-se, todavia, com Campo Grande, e essa à Grande Metrópole Nacional, de acordo com a classificação do IBGE/REGIC (2008).

de coleta e expedição é exercida principalmente pelas cerealistas [Bunge, Cargill, ADM], grandes atacadistas, compradores de gado e empresas de transporte.” (LE BOURLEGAT, 2000, p. 357)

De acordo com o exposto, Campo Grande, tem sua centralidade construída, centralizando, principalmente, as pequenas cidades do Mato Grosso do Sul fora da área de influência de Dourados, Três Lagoas, ou Corumbá. De modo geral, entretanto, sua centralidade, no que toca à dimensão político-administrativa, se exerce sobre a totalidade do território sul-mato-grossense.

DOURADOS

Em referência a Dourados, assinalamos que a cidade tem a gênese de sua centralidade, de acordo com Calixto (2013), ligada à implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, o que confere uma posição diferenciada a este ponto do território (em formação) já na década de 1940. No correr da década de 1970, período de redefinição socioespacial, em razão da implantação do modelo capitalista de produzir no campo sul-mato-grossense, gestam-se articulações entre diferentes escalas espaciais que provocam modificações na divisão territorial do trabalho. Com isso Dourados passa a cumprir papel regional importante.

Nesse período, conforme aponta Calixto (2013), delinea-se uma nova dinâmica de relações econômicas com suas inúmeras contradições socioespaciais, gestando-se a estrutura do segmento da porção sul da rede urbana do Mato Grosso do Sul. Nas palavras da autora:

[...] as relações a longa distância, a partir da especialização produtiva, impõem uma nova divisão territorial do trabalho e, nesse âmbito, a porção sul de Mato Grosso do Sul surgiu como exportadora de grãos. Essas novas relações, ao mesmo tempo em que demarcam o desmantelamento da política agrícola para o pequeno e médio produtor rural, imprimem no campo e, por consequência, na cidade, determinações necessárias para que a área assumisse um caráter agroexportador. (CALIXTO, 2013, p. 15)

Podemos inferir que a porção sul de Mato Grosso do Sul, representada pelos municípios de Amambaí, Aral Moreira, Ponta Porã, Caarapó, Fátima do Sul, Dourados, Douradina, Itaporã, Maracaju e Rio Brilhante, a partir desse momento, volta-se à produção-exportação de *commodities*, principalmente de soja. A demanda

por serviços e produtos especializados, ligada a esse circuito produtivo representou a consolidação da centralidade de Dourados no Sul do estado, Calixto pondera:

Por se constituírem como municípios produtores de soja e estarem subordinados a Dourados (que já congregava a capacidade de concentração do trabalho e da técnica), esses municípios necessitavam consumir uma base tecnológica que não possuíam, recorrendo a Dourados para suprir essa necessidade, ou seja, passava por Dourados o fluxo das atividades regionais ligadas ao campo, reforçando a sua centralidade e provocando uma redefinição de seus conteúdos e suas funções. (CALIXTO, 2013, p. 16)

Além da articulação interurbana, “encabeçada” por Dourados na dimensão econômico-produtiva, pontuamos que, com relação aos usos de serviços especializados (saúde, educação superior, por exemplo), a cidade adquiriu e mantém parte importante de seu papel no segmento sul da rede urbana sul-mato-grossense, destacando-se como cidade média¹⁰ do estado.

Além de estar articulado e responder a ações e determinações de escalas mais amplas (associadas a circuitos produtivos mais abrangentes), vale destacar que dentre os serviços especializados ofertados por Dourados destacam-se os ligados à educação superior e à saúde, haja vista que Dourados conta com cinco hospitais e clínicas especializadas e uma quantidade considerável de cursos superiores, distribuídos em cinco instituições de ensino presencial, duas públicas e três privadas: uma universidade federal, uma estadual, duas instituições particulares e uma Faculdade Teológica, ligada ao Seminário Batista. (CALIXTO, 2013, p. 3)

Cabe destacar também com relação à complexidade funcional de Dourados, o papel que o setor comercial (associado a uma gama de serviços) exerce. O shopping center da cidade, bem como uma unidade da Rede Extra de Hipermercados, da rede Atacadão de Hipermercados, e da rede de Lojas Havan localizam-se na principal avenida da cidade (Marcelino Pires, extensão da BR 162 no espaço intraurbano de Dourados) e próximo às BRs 163 e 156, vias importantes de articulação de Dourados com as cidades do entorno, indicando que se inclinam também para uma demanda interurbana.

TRÊS LAGOAS

¹⁰ Entendemos a cidade média como um centro urbano que desempenha papel significativo numa dada rede urbana, no nível de suas relações com o entorno (próximo ou distante) mais do que pelo seu quantitativo populacional. Nas palavras de Sposito (2009): “[...] são aquelas cidades que, na rede urbana, desempenham o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes, então são cidades que comandam uma região, que polarizam uma região, que crescem em detrimento da sua própria região ou crescem em função da sua própria região, as duas coisas acontecem.” (p. 19)

Três Lagoas, no leste do estado, por sua vez, tem seu papel regional ampliado¹¹ após a instalação de indústrias, que antes tinham suas plantas industriais localizadas em território paulista, deslocando-se para o leste do Mato Grosso do Sul. Silva (2013) argumenta sobre o processo, no tocante à saturação das atividades industriais no espaço urbano metropolitano, acarretando no deslocamento das plantas industriais para o interior paulista, aproveitando-se da estrutura técnica já implantada no território. No âmago desse movimento, as empresas se instalam no Mato Grosso do Sul, em sua porção leste, a partir dos anos 2000.

Nos termos de Oliveira *et alii* (2010), a lógica que orientou/favoreceu este “deslizamento” para a “fronteira” entre os dois estados deriva da articulação com o Poder Público (tanto local – nas isenções de impostos, na implantação de infraestrutura para o funcionamento desse circuito produtivo –, quanto federal – nos subsídios creditícios); da busca por locais onde a “desarticulação” sindical favorecesse a efetivação do lucro no processo de extração de mais-valia; de leis ambientais mais flexíveis; da proximidade/aceso a uma rede ferroviária que favorecesse a escoação da produção para o porto de Santos-SP, que se faz também pela rede hidroviária Paraná/Tietê; da capacidade energética instalada. Silva (2013) acrescenta que essas são “rugosidades que favoreceram a localização industrial ou a localização satisfatória para as empresas em Três Lagoas”. (p. 47)

Nesse caso, a rede urbana, considerando a porção leste do Mato Grosso do Sul se redefine em razão de sua dimensão econômico-produtiva ligada à atividade industrial, o que altera como aponta Milani (2012) os papéis urbano-regionais da cidade com relação à sua hinterlândia. Interessante notarmos como determinados agentes, nesse caso os proprietários dos meios de produção (CORRÊA, 2004), ao reordenarem territorialmente a planta industrial, de acordo com os interesses de produtividade, redefinem o papel dos centros urbanos na escala da rede. O processo em pauta, segundo Lamoso (2013), foi orientado pela conjuntura

¹¹ Consideramos que a cidade já detinha um dinamismo regional precedente à atividade industrial. Além de fator responsável pela criação do núcleo urbano de Três Lagoas, a estrada de ferro possibilitou uma diferenciação regional à cidade. Esse papel de centralidade é reforçado com a construção da Usina Hidrelétrica na década de 1960. (Cf. MILANI, 2012)

socioeconômica¹² condicionante/determinante do crescimento das exportações de *commodities* e produtos semimanufaturados e manufaturados de 2000 a 2013.

Nesse sentido, assistimos a um processo de reestruturação territorial da indústria no Mato Grosso do Sul¹³, segundo Lamoso (2013). Com relação ao leste do estado, a autora pondera:

[...] Três Lagoas sedia a expansão da atividade da celulose com a presença das empresas Fibria (Votorantin/International Paper/Aracruz Celulose) e Eldorado (Grupo JBS), que também instala por conta do custo do arrendamento da terra para o cultivo do eucalipto com incentivos creditícios federais, o que torna-se um tripé que associa base intensiva em recursos naturais, investimento em P&D (pesquisa e desenvolvimento) para aumento da produtividade e capital intensiva, para ampliação da escala de produção. (p. 424)

Enfim, no âmago desse processo, destaca-se a cidade de Três Lagoas, centralizando (na dimensão produtiva) o segmento leste da rede urbana do estado. Com relação ao papel desse centro urbano tanto intraurbano como interurbano, Oliveira *et alii* afirmam:

O fato é que, além de consubstanciar outra dinâmica urbana para o município de Três Lagoas (aumento do custo da cidade), essas indústrias provocam o aumento dos fluxos de capitais (humanos e materiais) e serviços naquela direção, mudando o sentido da acumulação e da interação regional. De fato, o processo migratório, em particular de mão de obra especializada, vem redefinindo a dinâmica urbana da cidade, porém este impacto ainda é reduzido ante o volume de capacidade ociosa apresentado pelo conjunto industrial. Mas, por seu turno, é visível o impacto regional provocado pela instalação da indústria de celulose. Três Lagoas e os municípios em seu entorno têm intensificado o plantio de eucalipto para esta finalidade[...]. (2010, p. 360)

Corroborando a posição dos autores, Silva (2013) destaca que a cidade de Três Lagoas tem seu papel interurbano redefinido. O dinamismo conferido pela lógica industrial engendrou modificações na estrutura da cidade, no que se refere à ampliação dos bens e serviços que passa a dispor para as cidades do entorno.

Milani (2012), fazendo referência a esse processo, assinala que outros setores da economia crescem/se desenvolvem, no tocante ao aparato de comércios e serviços, a medida do aumento da demanda, polarizando fluxos populacionais das

¹² Segundo a autora, no período considerado, elevou-se o nível de exportações no estado, em decorrência do preço das *commodities* e dos investimentos de empresas internacionais.

¹³ Relativamente a esse processo, Lamoso aponta: "No período de 2000 a 2012, houve um aumento na quantidade de unidades industriais instaladas no estado, com concentração na capital, Campo Grande, no nordeste do estado, próximo à divisa com São Paulo e Goiás, bem como no centro-sul, polarizado por Dourados." (2013, p. 421)

idades do entorno. Conforme esclarece a autora, esse papel regional (que se projeta, também, descontinuamente no espaço, em outras escalas territoriais) se evidencia em relação aos serviços educacionais, mais especificamente, o ensino superior¹⁴. De acordo com a autora, o papel da cidade se destaca, também, quando nos voltamos à análise da variável saúde, polarizando algumas cidades do entorno, com uma concentração de especialidades médicas.

Para apreciar melhor o quadro que intentamos “geografar” acima, vejamos algumas informações que separamos¹⁵ (Tabela 01), com relação aos centros urbanos (e seus respectivos territórios municipais) do Mato Grosso do Sul. A variável *população* foi elencada para definirmos, grosso modo, uma classificação entre os municípios, aproximando-os/relacionando-os com o Produto Interno Bruto, a quantidade de estabelecimentos atacadistas, e quantidade de empresas prestadoras de serviços.

De modo geral, notamos que os principais centros urbanos (de acordo com a dimensão demográfica) detinham, em 2010, os principais PIBs. Apenas Campo Grande aparecia com aproximadamente 13 bilhões e 900 milhões de reais, do total de riquezas produzidas em 2010, correspondendo a 31,9% do PIB total do Mato Grosso do Sul no período. Das demais cidades que compõem a estrutura urbana sul-mato-grossense, apenas Dourados, Corumbá e Três Lagoas apresentam população acima da casa dos 100.000 habitantes, com um PIB que também merece destaque, acima de 2 bilhões de reais, cada.

No outro polo dessa classificação, temos 25 cidades pequenas (ver anexo I) com população inferior a 10.000 habitantes, com uma média aproximada de 103 milhões de reais de PIB; juntas elas representam aproximadamente R\$ 2,5 bilhões (5,9%) do Produto Interno Bruto do estado, menor, se comparado, ao de Três Lagoas (cerca de R\$ 2,8 bilhões).

¹⁴ A autora aponta, de acordo com sua pesquisa, que 60 cidades apareciam como origens de estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas, indicando a projeção regional de Três Lagoas. (Cf. MILANI, 2012)

¹⁵ Cabe apontar que Milani (2012) separa e utiliza-se de dados de população, PIB, serviços, comércios para caracterizar a Mesorregião Leste e o papel de Três Lagoas como relação às cidades do entorno. Considerando importante esses dados para entender o papel regional dos centros urbanos do estado, separamos algumas variáveis análogas ao trabalho citado. (Cf. MILANI, 2012)

Tabela 01*

Informações (quantitativas) de população, PIB, atacados e serviços dos municípios sul-mato-grossenses em 2010.

Localidade	População total	PIB	Estabelecimentos atacadistas	Serviços
Campo Grande	786.797	R\$ 13.875.046.175,00	706	1.821
Dourados	196.035	R\$ 3.543.857.562,00	213	353
Corumbá	103.703	R\$ 3.248.680.865,00	72	165
Três Lagoas	101.791	R\$ 2.821.908.887,00	75	271
Ponta Porã	77.872	R\$ 968.520.869,00	145	149
Naviraí	46.424	R\$ 780.740.365,00	46	172
Aquidauana	45.614	R\$ 531.516.489,00	11	46
Nova Andradina	45.585	R\$ 771.132.145,00	21	109
Sidrolândia	42.132	R\$ 688.745.054,00	28	110
Paranaíba	40.192	R\$ 601.014.875,00	33	86
Maracaju	37.405	R\$ 906.438.170,00	32	132
Amambai	34.730	R\$ 379.388.896,00	22	53
Coxim	32.159	R\$ 475.788.956,00	32	73
Rio Brilhante	30.663	R\$ 841.909.530,00	28	68
Caarapó	25.767	R\$ 488.225.583,00	18	64
Miranda	25.595	R\$ 257.077.372,00	3	41
Jardim	24.346	R\$ 248.439.593,00	15	34
Anastácio	23.835	R\$ 209.936.311,00	13	19
Bela Vista	23.181	R\$ 256.123.162,00	9	12
Ivinhema	22.341	R\$ 287.999.748,00	8	44
...
Pedro Gomes	7.967	R\$ 127.475.863,00	4	6
Japorã	7.731	R\$ 45.817.618,00	0	5
Inocência	7.669	R\$ 149.816.324,00	1	10
Santa Rita do Pardo	7.259	R\$ 154.789.092,00	0	2
Bandeirantes	6.609	R\$ 115.578.788,00	5	14
Laguna Carapã	6.491	R\$ 157.338.671,00	9	16
Jaraguari	6.341	R\$ 88.021.718,00	3	7
Selvíria	6.287	R\$ 115.894.446,00	3	3
Vicentina	5.901	R\$ 76.405.884,00	0	17
Juti	5.900	R\$ 87.867.012,00	2	6
Caracol	5.398	R\$ 79.759.628,00	1	4

* Por questões de organização, apresentamos apenas os 20 primeiros e 20 últimos municípios, classificados segundo o quantitativo populacional. Para ver as informações completas, consulte-se o banco de dados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul, disponível em: <<http://www1.semec.ms.gov.br/bdeweb/>>.

Douradina	5.364	R\$ 54.712.224,00	4	13
Rio Negro	5.036	R\$ 55.618.817,00	1	7
Novo Horizonte do Sul	4.940	R\$ 66.453.294,00	2	2
Rochedo	4.928	R\$ 94.692.804,00	1	8
Corguinho	4.862	R\$ 71.176.671,00	1	11
Alcinópolis	4.569	R\$ 106.732.214,00	2	3
Jateí	4.011	R\$ 85.618.354,00	0	2
Taquarussu	3.518	R\$ 68.237.948,00	0	1
Figueirão	2.928	R\$ 57.494.620,00	1	3

Fonte: SECRETARIA DO ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, 2015.

Org: GOMES, 2015.

A concentração populacional e do conjunto de riquezas criadas em poucos centros urbanos (e suas hinterlândias) refletem o curso que a urbanização tomou no âmbito da formação territorial do Mato Grosso Sul, o que não nos cabe aqui analisar.

Para além dessas variáveis, verifica-se o papel regional que essas cidades exercem, quando nos voltamos à análise da concentração de comércios atacadistas¹⁶ e de serviços nesses centros. Pontua-se o destaque de Ponta Porã, no que se refere aos atacados na cidade: 145 estabelecimentos, superando os 72 e 75 de Corumbá e Três Lagoas, respectivamente. Juntas, Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Ponta Porã agregavam 1211 (63%) dos 1934 estabelecimentos existentes no estado em 2010. Por outro lado, dentre as cidades de menor porte, 28 detinham apenas de 1 a 5 atacados em seu espaço urbano, e ainda 07 cidades não dispunham desse tipo de comércio.

No que se refere aos serviços, novamente os dados comprovam o papel regional das 04 cidades de maior complexidade funcional, destacando-se também Ponta Porã e Naviraí (no sul do estado), assim como São Gabriel do Oeste (porção norte). A capital do estado concentra a maior parte dos serviços, representando cerca de 35% do total estadual, sendo seguida por Dourados que detinha cerca de 7% do total de serviços do estado. Da capital para a cidade média a diferença já é acentuada, o que demonstra a concentração e o papel que exerce regionalmente

¹⁶ Optamos pelos atacados, em detrimento dos varejos, pelo fato dos primeiros cumprirem um papel de distribuição aos segundos, ou mesmo à população diretamente, de produtos diversificados, configurando um grau de centralidade intra e interurbana.

Campo Grande no estado, principal centro de comércio e serviços como nos apontou Le Bourlegat (2000).

Para apreciarmos melhor esse quadro de serviços, e abarcarmos-lo no âmbito da rede urbana, vejamos duas variáveis que denotam/justificam boa parte dos fluxos para outros centros urbanos: saúde e educação, conforme segue na Tabela 02. Novamente optamos por classificar os dados de acordo com o quantitativo populacional, para compararmos seus dados.

Em relação à educação, verifica-se novamente que Campo Grande se sobressai, no que se refere ao número de escolas de educação básica (450), sendo essa estrutura física constituída de 5.174 salas de aula. Em 2012 havia, em Campo Grande, nas diversas faculdades que compõe sua materialidade espacial, 21.695 vagas de ensino superior. Fator importante a considerarmos com relação àqueles habitantes de cidades pequenas do estado que deslocam-se para a Capital para cursar o ensino superior. É importante ponderar também o papel de Dourados (8.935 vagas) seguido de Três Lagoas (4.995 vagas), no que se refere à centralidade que essas cidades exercem sobre outros centros urbanos. Ponta Porã e Nova Andradina aparecem num outro patamar de oferta de vagas com 1.240 e 1.120 respectivamente. As demais cidades do estado juntas disponibilizaram em 2012, 6.216 vagas, número menor que o de Dourados, por exemplo. Dentre essas últimas, 55 não disponibilizaram vagas no referido período.

Em relação aos serviços de saúde Campo Grande, novamente, afirma seu papel de comando regional: são 15 hospitais gerais (e ainda 09 hospitais especializados), com 171 clínicas/ambulatórios especializados, somando-se a isso postos e centros de saúde, chegava a dispor de 2.413 leitos. Dourados, com 07 hospitais gerais (com 01 especializado), 33 clínicas/ambulatórios especializados, e um total de 520 leitos, afirma seu papel regional como um centro de saúde, também. Três Lagoas (3 hospitais gerais, 25 clínicas/ambulatórios especializados, 295 leitos), Ponta Porã (3 hospitais gerais, 7 clínicas especializadas, 107 leitos), Naviraí (3 hospitais gerais, 7 clínicas especializadas, 91 leitos) e Aquidauana (3 hospitais gerais, 8 clínicas especializadas, 145 leitos) podem ser encaixadas num outro patamar de centralidade. Corumbá, apesar de contar com apenas 02 hospitais gerais, dispunha de 13 clínicas/ambulatórios especializados e 194 leitos,

demonstrando papel regional importante, com relação às cidades do Departamento de Santa Cruz de la Sierra, confirmando as afirmações de Oliveira *et alii* (2010).

Tabela 02*

Síntese de informações sobre educação e saúde nos municípios sul-mato-grossenses em 2010.

Localidade	Educação			Saúde		Total de Leitos ^{***}
	Escolas - Educação Básica	Salas de Aula Existente	Ensino Superior Vagas Oferecidas (2012)**	Hospital Geral	Clínica Especializada/ Ambulatório de Especialidade	
Campo Grande	450	5.174	21.695	15	171	2.413
Dourados	122	1.220	8.935	7	33	520
Corumbá	55	716	845	2	13	194
Três Lagoas	54	622	4.995	3	25	295
Ponta Porã	51	525	1.240	3	7	107
Naviraí	22	259	623	3	7	91
Aquidauana	36	364	640	3	8	145
Nova Andradina	35	315	1.120	2	5	79
Sidrolândia	28	246	0	1	5	39
Paranaíba	23	314	850	2	6	183
Maracaju	28	261	80	1	0	50
Amambai	24	241	380	2	0	118
Coxim	19	212	280	2	5	65
Rio Brilhante	20	205	0	1	1	43
Caarapó	18	165	100	1	4	30
Miranda	22	236	0	2	0	36
Jardim	23	203	140	1	6	43
Anastácio	22	169	0	1	1	26
Bela Vista	26	191	0	1	2	30

* Por questões de organização, apresentamos apenas os 20 primeiros e 20 últimos municípios, classificados segundo o quantitativo populacional. Para ver as informações completas, consulte-se o banco de dados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul, disponível em: <<http://www1.semec.ms.gov.br/bdeweb/>>.

** Optamos por utilizar os dados de Vagas Oferecidas no Ensino Superior em 2012, pois os dados de 2010 parecem não estar completos: algumas cidades que ofereceram vagas nesse ano (Jardim, por exemplo) aparecem no banco de dados como se não tivessem ofertado.

*** Abrange o total de leitos de centros de saúde, postos de saúde, hospitais gerais, hospitais especializados e clínicas.

Ivinhema	10	124	90	2	3	47
...
Pedro Gomes	7	59	0	1	1	8
Japorã	5	45	0	0	0	0
Inocência	5	47	0	1	0	8
Santa Rita do Pardo	6	52	0	0	0	8
Bandeirantes	8	57	0	0	0	12
Laguna Carapã	6	51	0	1	0	6
Jaraguari	6	35	0	0	0	0
Selvíria	5	46	0	1	0	6
Vicentina	5	51	0	1	0	5
Juti	5	33	0	1	0	5
Caracol	3	30	0	1	0	8
Douradina	5	36	0	0	0	0
Rio Negro	5	45	0	1	0	24
Novo Horizonte do Sul	4	36	0	1	0	14
Rochedo	5	29	0	0	0	8
Corguinho	4	41	0	0	0	6
Alcinópolis	4	39	0	0	0	0
Jateí	4	36	0	1	1	23
Taquarussu	4	40	0	0	0	4
Figueirão	2	16	0	1	0	13

Fonte: SECRETARIA DO ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, 2015.

Org: GOMES, 2015.

Esse quadro urbano que procuramos esboçar pode ser identificado no estudo da Região de Influência das Cidades (IBGE, 2008). Com relação à rede urbana sul-mato-grossense, mais especificamente a estruturação espacial e seu estágio atual de desenvolvimento podem ser visualizados na **Figura 01**, a qual sinaliza para as relações/interações estabelecidas pelos centros urbanos do Mato Grosso do Sul, com destaque para o papel de Campo Grande e de Dourados:

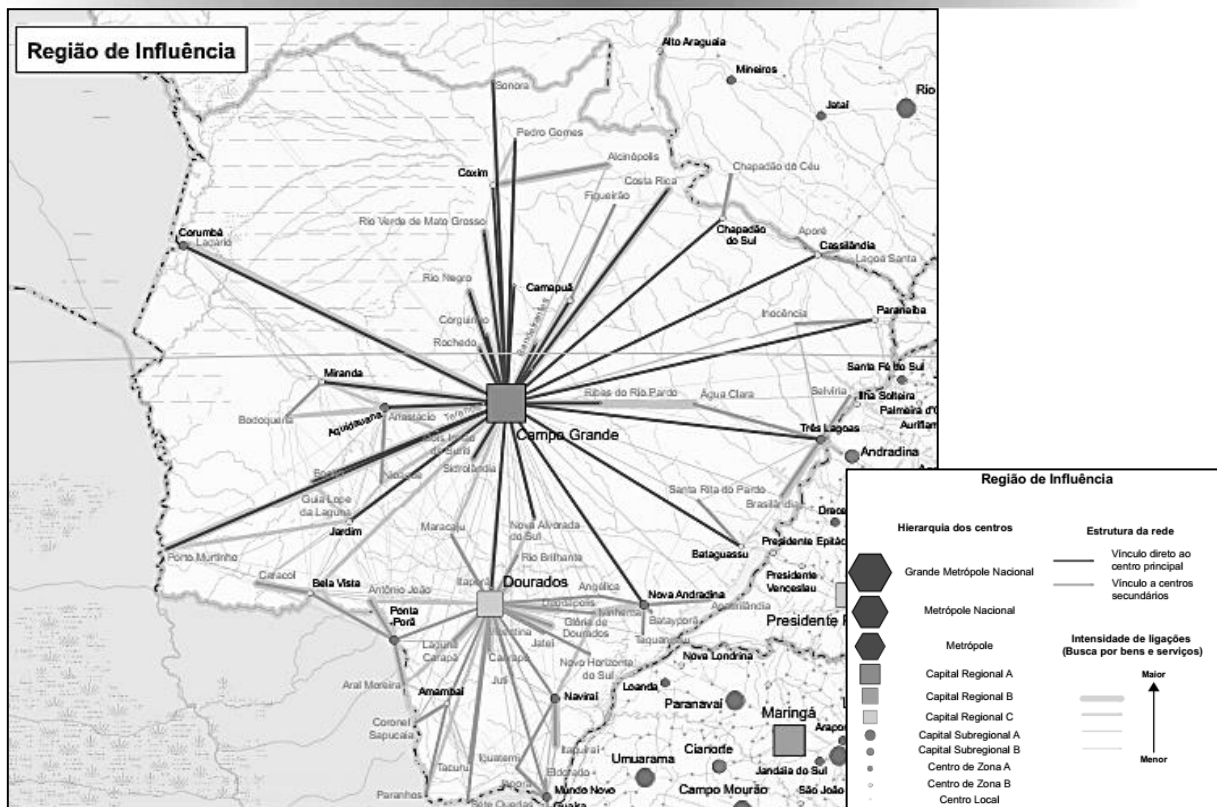


Figura 01. Rede urbana sul-mato-grossense de acordo com a classificação funcional dos centros urbanos.

Fonte: IBGE, 2008.

Adaptado por: GOMES, 2015.

Os vínculos estabelecidos com Campo Grande (nas diferentes dimensões de uso do espaço interurbano – econômica, produtiva, política, administrativa, social) destacam/ilustram o papel da capital do estado na rede urbana sul-mato-grossense.

O curso que a urbanização tomou, no âmago do processo de formação territorial do estado, engendrando o modelo macrocefálico na rede urbana, onde uma porção de serviços e bens se concentrou em algumas cidades, nos são mostrados por meio das interações que Campo Grande estabelece. Praticamente, todos os centros urbanos do Mato Grosso do Sul têm considerável grau de ligação com Campo Grande, excetuando-se os centros da porção sul do estado que se inclinam para a centralidade da cidade de Dourados, ligando-se, assim, indiretamente à capital estadual.

Pontuamos, ainda, que Corumbá e Três Lagoas aparentam deter papel pouco significativo na rede. A primeira, como exposto, tem sua centralidade estabelecida pelos fluxos advindos das cidades – e de seus territórios municipais – do Departamento de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, por isso não estão incluídos na

metodologia do IBGE. Três Lagoas, por sua vez, detém papel significativo, mas seu dinamismo interurbano projetou-se recentemente na porção leste do estado e ainda está em processo de construção/consolidação – para o ano de realização do estudo do IBGE (2007) a centralidade da cidade, apesar de considerável, não a definia como uma Capital Regional¹⁷. A influência exercida pelas cidades médias da rede urbana paulista, com relação à faixa Leste do Mato Grosso do Sul, torna-se fator importante, também, a considerarmos no tratamento do papel regional de Três Lagoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração desse (breve) quadro, visualizamos que a rede urbana sul-mato-grossense, reflexo material do processo de urbanização, é composta por quatro centros urbanos de maior complexidade funcional e porte populacional, que centralizam determinados segmentos de cidades, algumas fora do território nacional, como é o caso de Corumbá. Essa, mesmo perdendo parte importante de seu papel regional para Campo Grande, mantém um grau de centralidade considerável com cidades do Departamento de Santa Cruz de la Sierra-BOL.

A capital estadual, cidade mais populosa, e com o maior número de comércio e serviços – funções urbanas que se realizam por meio de formas espaciais, por fixos – afirma seu papel de centralidade sobre, praticamente, todo o território estadual, ligando-se à Grande Metrópole Nacional – São Paulo. Tal papel fica claro, quando nos voltamos à análise dos dados da Secretaria do Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, bem como à análise dos resultados da Regic (2007).

Dourados, por sua vez, tem papel regional importante, construído nas últimas décadas do século XX, centralizando os fluxos espaciais (pessoas, informações, mercadorias) das cidades pequenas (e seus territórios municipais) da porção sul do estado. Seu papel de centralidade justifica-se pela concentração de bens e serviços, voltados tanto para a demanda urbana regional, quanto para a produção agropecuária que se dá no campo.

¹⁷ Os trabalhos de Silva (2013) e Milani (2012) podem nortear reflexões mais profundas e atualizadas com relação ao papel regional de Três Lagoas.

Três Lagoas, no leste do estado, tem dinamismo urbano-regional recente, após o deslocamento de indústrias paulistas que instalaram-se nessa porção do estado. A cidade se destaca, assim, por concentrar atividades industriais, que a integra a diferentes escalas territoriais (da produção e distribuição dos produtos), bem como tem destaque pela coalescência de funções urbanas (de bens e serviços), principalmente, de ensino superior e saúde, para sua hinterlândia.

Merece menção, por fim, que o território sul-mato-grossense é composto por uma porção de cidades pequenas, que integram-se às cidades de maior dinamismo urbano do estado. Ressaltamos, com relação a essas últimas, que, no âmbito da Geografia Urbana, poucos estudos têm se dedicado a elas, conforme apontam Sposito e Silva (2013). Acrescentamos que, relativamente à realidade sul-mato-grossense, a maior parte dos trabalhos centra a discussão em torno das cidades de maior porte. Faltam, nesse sentido, trabalhos voltados à temática das cidades pequenas, o que pretendemos abordar em outro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALIXTO, Maria José Martinelli da Silva. O processo de consolidação da centralidade de Dourados-MS na rede urbana: uma contribuição para a análise de uma cidade média. In: XI WORKSHOP DA REDE DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES MÉDIAS – ReCiMe, 2013, Dourados. *Anais...* Dourados-MS, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 2004.

_____. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

EGLER, Claudio. Red urbana en América del Sur: aportes preliminares. In: TRINCHEIRO, H. H; OLIVEIRA, T. C. M. *Los lenguajes del territorio platino*. 1ª. ed. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires e Editora UFGD, 2012.

_____. Apontamentos sobre rede urbana e políticas públicas no Brasil. In: MATOS, Ralfo; SOARES, Weber (Org.). *Desigualdades, redes e espacialidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Regiões de influência das cidades*. 2008.

_____. *Regiões de influência das cidades*. 1993. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

_____. *Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.

LAMOSO, Lisandra. Indústria, desindustrialização e território. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, n. 3, 2013.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *Mato Grosso do Sul e Campo Grande: articulações espaço-temporais*. Presidente Prudente: UNESP, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT/UNESP.

MATO GROSSO DO SUL, *Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento*. Campo Grande, 2015. Disponível em: <http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/03/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf>. Acesso em: 24/06/2015.

MILANI, Patrícia Helena. *Dinâmica territorial da rede urbana na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul*. Três Lagoas: UFMS. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – CPTL/UFMS.

OLIVEIRA, T. C. M.; PAIXÃO, R. O.; YANOMINI, S. S. Mato Grosso do Sul: dinâmica urbano-regional do Estado. In: PEREIRA, R. H. M; FURTADO, B. A. *Dinâmica urbano-regional, rede urbana e suas interfaces*. Brasília: Ipea, 2010.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. “Caminhos e fronteiras”: vias de transporte no extremo oeste do Brasil. In: GOULARTI FILHO, Alcides; QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó (orgs). *Transportes e formação regional: contribuições à história dos transportes no Brasil*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: ensaios*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, Cristovão Henrique Ribeiro da. Técnica e a qualificação do território. In: _____. *A lógica da territorialização da indústria: o parque industrial em Três Lagoas – MS de 1990-2010*. Três Lagoas: UFMS. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – CPTL/UFMS, Cap. 2, p. 70-93.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. *Cidades Pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais*. Jundiá: Paco Editorial, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras*. Belém: FASE/ICSA-UFPA, 2009.

Recebido em: 25/08/2015

Aceito para publicação em: 06/11/2015